

# PANORAMA POLÍTICO



TEREZA CRUVINEL • de Brasília

## Governo vai de ACM

• Não há mais dúvida. Em nome da reeleição, o Palácio do Planalto decidiu assumir como sua a candidatura do senador Antônio Carlos Magalhães a presidente do Senado e investir na eleição de Michel Temer a presidente da Câmara, para compensar o PMDB pela derrota que tentará lhe impor no Senado. Para isso, será preciso também esmagar a candidatura avulsa do deputado tucano Wilson Campos, operação que ontem fracassou.

O presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, resguardando-se pessoalmente, está falando pela boca dos tucanões de confiança: Sérgio Motta, Teotônio Vilela, Sérgio Machado e José Aníbal, principalmente. Sérgio Motta até já pede votos para ACM aos senadores.

Até a madrugada de ontem, Teotônio Vilela tentou em vão convencer o rebelde Wilson Campos a desistir de concorrer na Câmara, em nome dos "interesses maiores". Ontem, Aníbal também não teve êxito, numa reunião de cinco horas com a bancada. Nem Wilson cedeu, nem os tucanos que o apóiam. Diante disso, foi cancelado o jantar que teriam com o presidente no Alvorada.

Mas há sinais de que os rebeldes levarão chumbo grosso, e isso também pode abrir feridas. Para o PSDB, queixam-se os tucanos de bico curto, ser partido do presidente tem

sido sacrifício e não vantagem.

Aos senadores do partido será pedido também o voto em bloco no senador Antônio Carlos. O PFL já fez as contas e mostrou ao presidente que seu partido é o fiel da balança. Pelas contas conhecidas, o senador Íris Resende leva hoje uma ligeira vantagem. Teria os 22 votos do PMDB, dez dos 11 da esquerda, um do PTB e o do senador Osmar Dias, sem partido, perfazendo 34. ACM teria os 23 do PFL, um da esquerda (Ademir Andrade, do PSB), quatro dos cinco do PTB e os quatro do PPB, totalizando 32. Empata, se tiver os votos de Romeu Tuma (PSL) e Ernandes Amorim (sem partido).

De qualquer forma, quem decide a parada são os 13 senadores do PSDB. Diz-se no partido que metade deles não vota no senador baiano nem ganhando beijo na testa. Hoje, devem ouvir o apelo numa reunião com o presidente.